

JARDINS SENSORIAIS E A REDESCOBERTA DO APRENDER NA NATUREZA

**SESSÃO TEMÁTICA: ET2 - DIMENSÃO HUMANA DO PROJETO, DO
PLANEJAMENTO E DA GESTÃO DA PAISAGEM**

Isis Vivório Simões Jacob¹
Marcela Pereira Santos Fernandes Freitas²
Mateus França Pessanha³

RESUMO

Este artigo discute os desafios da educação formal e apresenta a implantação de jardins sensoriais em unidades escolares como uma estratégia inovadora para promover aprendizagens mais significativas. A proposta parte da constatação de que práticas pedagógicas centradas apenas em conteúdos disciplinares tendem a limitar o envolvimento dos estudantes e a desconectar o processo educativo de suas experiências cotidianas. Os jardins sensoriais, ao contrário, constituem espaços vivos de experimentação, nos quais os sentidos, a percepção ambiental e a interação com a paisagem natural tornam-se elementos centrais da aprendizagem. Construídos de forma colaborativa e acessível, esses ambientes favorecem especialmente alunos com deficiência, ampliando a inclusão e a diversidade de experiências pedagógicas. A partir de uma abordagem qualitativa, baseada em observação participante, o estudo analisa a criação e o uso de jardins sensoriais em escolas municipais, evidenciando seu potencial para despertar a curiosidade, fortalecer vínculos afetivos com a natureza, estimular habilidades cognitivas e socioemocionais e transformar o espaço escolar em lugar de descoberta, cuidado e pertencimento. Os resultados indicam que a aprendizagem mediada pela natureza amplia o interesse dos estudantes e contribui para uma formação mais sensível, sustentável e integrada.

PALAVRAS-CHAVE: educação formal; jardim sensorial; aprendizagem significativa ; paisagem natural.

ABSTRACT

This article examines the challenges of formal education and presents the implementation of sensory gardens in school settings as an innovative strategy to promote more meaningful learning. The proposal arises from the understanding that pedagogical practices focused solely on disciplinary content often limit student engagement and detach learning from everyday experiences. In contrast, sensory gardens create living spaces for experimentation, where sensory perception, environmental awareness, and interaction with natural landscapes become central to the learning process. Designed collaboratively and with accessibility in mind, these environments particularly benefit students with disabilities by expanding inclusion and diversifying pedagogical experiences. Based on a qualitative approach supported by participant observation, the study analyzes the creation and use of sensory gardens in municipal schools, highlighting their potential to foster curiosity, strengthen affective bonds with nature, stimulate cognitive and socioemotional skills, and transform the school environment into a place of discovery, care, and belonging. The results indicate that learning mediated by nature enhances student interest and contributes to a more sensitive, sustainable, and integrated educational experience.

KEYWORDS: formal education; sensory garden; meaningful learning; natural landscape.

¹ Coordenadora de Educação Ambiental da Secretaria Municipal de Educação, Ciência e Tecnologia de Campos dos Goytacazes (RJ).

² Doutoranda do Programa AMBHDRO do Instituto Federal Fluminense (RJ).

³ Pesquisador da Secretaria Municipal de Educação, Ciência e Tecnologia de Campos dos Goytacazes (RJ).

1 INTRODUÇÃO

A escola contemporânea enfrenta o desafio de promover aprendizagens que dialoguem com as experiências, os interesses e a sensibilidade dos estudantes. Em muitos contextos, a organização tradicional do espaço escolar, marcada por salas fechadas e práticas centradas na transmissão de conteúdos, limita o envolvimento dos alunos e restringe as possibilidades de construção significativa do conhecimento. Diante desse cenário, torna-se necessário repensar metodologias e ambientes que favoreçam a curiosidade, a autonomia intelectual, a criatividade e o vínculo afetivo com o território vivido.

Entre as alternativas pedagógicas emergentes, os jardins sensoriais constituem uma proposta inovadora ao integrarem natureza, experimentação e educação ambiental em um espaço formativo vivo. Esses ambientes possibilitam que os estudantes explorem cores, texturas, aromas, formas e sons, ampliando tanto a percepção sensorial quanto a compreensão de processos ecológicos e sociais. Por serem concebidos de forma colaborativa e acessível, também se apresentam como ferramentas importantes para a inclusão de alunos com deficiência, oferecendo diferentes modos de interação com o conhecimento.

A implantação de jardins sensoriais em escolas públicas revela-se, portanto, uma estratégia capaz de transformar o cotidiano educativo, aproximando o aluno da natureza e fortalecendo dimensões cognitivas, socioemocionais e ambientais. Ao articular cuidado, pertencimento e aprendizagem significativa, esses espaços ressignificam a relação entre sujeito, escola e ambiente, abrindo novas possibilidades para a utilização pedagógica das áreas externas.

Com base nisso, este artigo analisa a criação e o uso de jardins sensoriais em unidades escolares do município de Campos dos Goytacazes (RJ), adotando uma abordagem qualitativa sustentada pela observação participante. Busca-se compreender de que modo esses ambientes contribuem para a formação integral dos estudantes e para a construção de práticas educativas mais sensíveis, inclusivas e integradas ao meio ambiente.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os jardins ocupam, ao longo da história, um lugar simbólico e afetivo na relação humana com a natureza, despertando sensações de paz, harmonia e encantamento. Como observa Bellé (2013), a própria etimologia da palavra “jardim”, derivada de gan (defender) e eden (prazer), remete à ideia de um espaço protegido e aprazível, no qual o ser humano renova sua experiência de conexão consigo e com o ambiente natural. De modo semelhante, o dicionário Michaelis (2022) define o jardim como um terreno destinado ao cultivo de flores, arbustos e pequenas árvores, frequentemente associado ao lazer, ao estudo e à ornamentação. Nessa perspectiva, os jardins ultrapassam sua função decorativa e configuram-se como espaços de convivência, contemplação e aprendizagem compartilhada, acolhendo pessoas de diferentes idades e contextos socioculturais (Leão, 2007).

Inseridos nesse universo, os jardins sensoriais distinguem-se por estimular a percepção integrada do ambiente, mobilizando os sentidos por meio de plantas e elementos que apresentam variadas texturas, aromas, cores e formas (Leão, 2007). Tais espaços, quando incorporados às unidades escolares, ampliam o processo de ensino-aprendizagem ao possibilitar vivências que transcendem metodologias tradicionais e favorecem a construção colaborativa do conhecimento. Ao aproximar teoria e cotidiano, o jardim sensorial constitui uma estratégia pedagógica que permite



ao estudante experienciar o mundo natural e atribuir novos significados à sua relação com ele.

No contexto da educação ambiental, o jardim sensorial destaca-se por articular beleza, funcionalidade e intencionalidade formativa. Conforme apontam Cordeiro *et al.* (2019), trata-se de um ambiente de aprendizagem não formal no qual o toque, o olfato, a visão e até a atenção aos sons presentes na natureza convertem-se em instrumentos de descoberta e compreensão. Estudos recentes reforçam seu valor pedagógico e inclusivo. Bezerra (2020) e Carvalho (2022) evidenciam que esses espaços promovem o desenvolvimento cognitivo e socioemocional, estimulando a curiosidade, a sensibilidade ambiental e o cuidado com a natureza. Leão (2009), ao investigar jardins destinados a pessoas com deficiência visual, observou que espécies com folhagens macias, flores delicadas e perfumes suaves eram especialmente apreciadas, revelando que a comunicação da natureza ultrapassa barreiras sensoriais e alcança todos os sujeitos.

Dessa forma, o jardim sensorial pode ser compreendido como um verdadeiro laboratório vivo, onde a aprendizagem se constrói pela observação, pela manipulação, pelo cuidado e pela escuta atenta do ambiente. Inserir esse tipo de espaço nas escolas significa promover uma educação sensível, inclusiva e sustentável, capaz de despertar o olhar ecológico e fortalecer o sentimento de pertencimento ao meio natural. Tal proposta contribui para formar sujeitos mais conscientes e comprometidos com uma convivência harmoniosa e respeitosa entre sociedade e natureza.

Os jardins sensoriais consolidam-se como ambientes integradores, capazes de promover equilíbrio, percepção e desenvolvimento físico, emocional e cognitivo. Por estimularem diferentes sentidos, esses espaços oferecem benefícios significativos para surdocegos, pessoas com deficiência visual, indivíduos com déficits cognitivos ou limitações motoras, estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e para qualquer pessoa que necessite de acolhimento, relaxamento ou reconexão com a natureza. Sua função ultrapassa a estética: trata-se de um recurso educativo inclusivo, terapêutico e formativo.

Nesse contexto, as instituições escolares desempenham papel central, especialmente porque as crianças representam o futuro e dependem das decisões tomadas no presente. Não é suficiente apoiar-se apenas em iniciativas isoladas; torna-se imprescindível incorporar, de forma sistemática, práticas de contato com a natureza aos projetos pedagógicos. A criação de políticas públicas consistentes, programas permanentes e espaços verdes bem estruturados revela-se essencial para promover essa integração, reforçando a compreensão de que o cuidado ambiental é parte constitutiva da própria identidade humana.

Diante de um cenário marcado pelo distanciamento da vida natural e pela fragilização do sentimento de pertencimento, torna-se evidente que a implantação de áreas verdes nas escolas não constitui um privilégio, mas uma necessidade. Esses ambientes ampliam a consciência ecológica, fortalecem vínculos afetivos com a paisagem natural e transformam a relação dos estudantes com o processo de aprendizagem. Ao articular teoria e prática, conteúdos abstratos — como o ciclo da água, os tipos de solo ou os movimentos da Terra — deixam de ser meras informações e passam a constituir experiências concretas e significativas.

As crianças necessitam do contato com a natureza para alcançar equilíbrio, tranquilidade e sentido nas relações que estabelecem com o mundo. Em uma sociedade cada vez mais mediada pela tecnologia, o aprendizado não pode restringir-se a práticas passivas, realizadas apenas em sala de aula. Elas precisam tocar, sentir, observar cores, texturas e formas, vivenciando experiências que despertem a



curiosidade e o encantamento. É nesse encontro sensível com o ambiente natural que emerge, de maneira autêntica, a vontade de aprender e de compreender o mundo em sua complexidade.

No município do Rio de Janeiro, o Projeto de Lei nº 2.236/2023 institui o Programa Jardim Sensorial, prevendo a implantação desses espaços em áreas públicas — como parques, praças e escolas — para que pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) possam vivenciar experiências sensoriais acolhedoras, ricas e estimulantes. Em âmbito estadual, a Lei nº 2.982/2024 reforça essa diretriz ao determinar que novos projetos de espaços públicos incluam estruturas adequadas para jardins sensoriais, mediante parcerias entre o governo estadual e os municípios. Ambas as iniciativas demonstram um avanço no reconhecimento da natureza como aliada no desenvolvimento humano e como instrumento de inclusão social.

No contexto municipal, a criação de jardins sensoriais em escolas públicas representa uma importante estratégia pedagógica ao promover a reflexão sobre questões ambientais e incentivar educadores a inserir elementos da natureza dentro e fora da sala de aula. Esses espaços vivos contribuem para a valorização do ambiente natural como espaço educador e favorecem a (re)conexão dos estudantes com a natureza, entendida como fonte de encantamento e como mediadora na construção de novas leituras de mundo.

3 METODOLOGIA

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, fundamentada na observação participante, com registro das interações e percepções dos estudantes durante as atividades. Conforme afirma Minayo (2010), a pesquisa qualitativa busca compreender os significados atribuídos pelos sujeitos às suas experiências, justificando, portanto, sua escolha para este estudo. Os jardins sensoriais analisados foram projetados e implantados pela Supervisão de Educação Ambiental da Secretaria Municipal de Educação, Ciência e Tecnologia de Campos dos Goytacazes, assumindo uma função essencial: promover a inclusão de estudantes com necessidades especiais e criar um ambiente arborizado, acessível e ambientalmente acolhedor.

A primeira etapa do trabalho consistiu na elaboração de projetos adequados à realidade de cada escola, com base no levantamento físico do local e nas necessidades do público atendido. Foram realizadas visitas regulares e conversas informais com a comunidade escolar, permitindo compreender as especificidades de cada unidade. Na segunda etapa, realizou-se uma visita técnica que contou com a colaboração de alunos com necessidades especiais, possibilitando uma compreensão mais sensível da dinâmica escolar. Nessa fase, elaborou-se uma representação gráfica do Jardim Sensorial, posteriormente apresentada à direção da escola para aprovação, registro e eventuais ajustes necessários.

A terceira etapa envolveu a seleção das espécies de plantas medicinais e ornamentais que comporiam o jardim. Como afirmam Menezes e Hardoim (2013), a escolha das espécies deve considerar seu potencial para estimular sentidos como tato, olfato, paladar, visão e audição. As mudas foram obtidas por meio de parcerias com o Centro de Educação Ambiental, a Secretaria Municipal de Agricultura e estabelecimentos especializados. A implantação priorizou o uso de vasos e pneus reaproveitados, o que facilita a manutenção, o manuseio e a realização das atividades propostas.

A quarta e última etapa refere-se à implantação física do jardim sensorial. O caminho de acesso foi projetado sem bifurcações ou irregularidades, seguindo as recomendações de Chimentti (2009), e recebeu corrimãos de apoio em pontos estratégicos. Além disso, foi construída uma trilha sensorial com diferentes materiais

— como cascas de árvores, folhas secas, seixos, areia e espécies variadas de forração — a fim de estimular a percepção tátil e favorecer a imersão dos visitantes, conforme sugerem Sabbagh e Cuquel (2007). Após a conclusão da obra, o espaço será aberto à visitação da comunidade, embora as atividades propostas sejam prioritariamente voltadas para pessoas com deficiência visual, que participarão de visitas guiadas especialmente planejadas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foi realizada uma visita técnica às escolas E.M. Dr. Luiz Sobral e E.M. Instituto São José, com o objetivo de analisar os espaços disponíveis e identificar o interesse dos estudantes atípicos quanto à transformação desses ambientes. Em ambas as unidades, observou-se que os alunos demonstraram entusiasmo diante da possibilidade de tornar a escola um espaço mais verde, fresco e esteticamente agradável, manifestando o desejo de vivenciar ambientes mais naturais e acolhedores.

Após essa primeira aproximação, o projeto foi apresentado e discutido com as equipes gestoras de cada Unidade Escolar (UE), o que permitiu realizar ajustes conforme as necessidades identificadas. Na E.M. Dr. Luiz Sobral, foi solicitada a inclusão de brinquedos no jardim, ampliando as possibilidades de uso para as crianças da Educação Infantil. Já na E.M. Instituto São José, a equipe optou pela implementação de uma horta suspensa, com o objetivo de integrar práticas relacionadas à alimentação saudável ao cotidiano escolar.

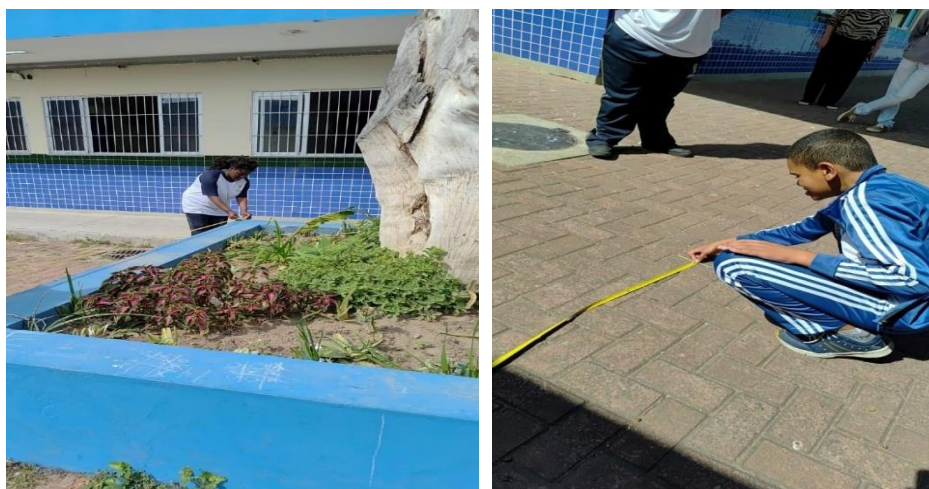
A Figura 1, referente à primeira visita técnica realizada na E.M. Dr. Luiz Sobral, revela um espaço predominantemente cimentado e carente de áreas verdes, evidenciando a necessidade de criação de ambientes que possibilitem contato direto com a natureza. A Figura 2 apresenta outra dimensão observada no processo: a participação ativa dos alunos. A presença e o envolvimento deles durante a visita técnica reforçam a importância de construir um jardim sensorial verdadeiramente inclusivo e participativo, capaz de aproximar a natureza de escolas que, em sua maioria, possuem pisos totalmente cimentados.

Figura 1 - Visita Técnica na E.M. Luiz Sobral



Fonte: Autores, 2025.

Figura 2 – Visita técnica, participação dos alunos



Fonte: Autores, 2025.

A Figura 3 destaca o início da implantação do jardim sensorial na E.M. Dr. Luiz Sobral, evidenciando a retirada de parte do cimento para a construção da base do espaço. A recorrência à menção do cimento não é casual: grande parte das escolas urbanas do município de Campos dos Goytacazes apresenta ambientes externos reduzidos a superfícies impermeabilizadas, com pouca ou nenhuma presença de área verde. Nesse contexto, a implantação do jardim sensorial assume papel fundamental ao transformar espaços áridos em ambientes vivos, acolhedores e ambientalmente qualificados.

Figura 3 – Implantação do Jardim Sensorial



Fonte: Autores, 2025.

A Figura 4, por sua vez, apresenta a E.M. Instituto São José, onde o jardim sensorial já se encontra implantado. Nessa unidade, foi possível observar o forte interesse dos alunos durante todo o processo, desde o manuseio das mudas até o plantio. Essa participação permitiu que os estudantes contemplassem, em maior escala, um recorte significativo dessa “pequena grande natureza”, vivenciando de forma concreta o contato sensorial e afetivo com o ambiente natural.

Figura 4 – Plantio de mudas no jardim sensorial do Instituto São José



Fonte: Autores, 2025.

As primeiras intervenções estruturais, associadas à participação dos alunos nas atividades de plantio e organização das mudas, evidenciaram o caráter colaborativo e inclusivo do projeto. A interação direta com os elementos naturais ampliou o interesse dos estudantes — especialmente daqueles com necessidades especiais — fortalecendo o vínculo com o espaço escolar e favorecendo aprendizagens mais significativas.

De modo geral, os resultados demonstram que os jardins sensoriais ampliaram o contato dos alunos com a natureza, estimularam a percepção sensorial e contribuíram para o desenvolvimento de uma consciência ambiental mais sensível e participativa. A experiência prática revelou que esses espaços funcionam como ambientes férteis de descoberta, socialização e formação integral, enriquecendo o cotidiano escolar e complementando as metodologias tradicionais.

Constatou-se, ainda, que o contato direto com áreas verdes amplia o repertório de conhecimentos dos estudantes e estimula a construção de novos saberes, despertando maior engajamento nas atividades propostas. Essa vivência concreta proporciona aprendizagens que extrapolam os limites dos materiais didáticos convencionais e fortalece a formação de uma consciência ambiental mais profunda, crítica e significativa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A implementação dos jardins sensoriais nas unidades escolares evidenciou que a aprendizagem se fortalece quando emerge da experiência direta e do envolvimento ativo dos alunos com o ambiente. Ao transformar espaços antes pouco utilizados em áreas verdes vivas e significativas, o projeto não apenas ampliou o interesse e a participação dos estudantes — especialmente daqueles com necessidades atípicas — como também favoreceu o desenvolvimento de novas percepções, habilidades e formas de interação com o mundo ao seu redor. Os resultados mostram que iniciativas educativas baseadas na prática e no contato com a natureza promovem uma formação mais sensível, sustentável e integrada, reafirmando que educar pela

experiência concreta e pelo cuidado com o espaço escolar é também educar para a cidadania, para o respeito e para a consciência ambiental.

Conclui-se, portanto, que a criação de jardins sensoriais nas escolas públicas configura uma estratégia eficaz para enriquecer o processo de ensino-aprendizagem, ampliar a inclusão e aproximar os estudantes da natureza. Ao integrar dimensões cognitivas, afetivas e ambientais, esses espaços contribuem para a formação integral do aluno e revelam o potencial transformador das práticas pedagógicas que valorizam o ambiente como recurso educativo. A experiência analisada demonstra que iniciativas dessa natureza podem inspirar políticas públicas permanentes voltadas à qualificação dos espaços escolares, ao fortalecimento da educação ambiental e à consolidação de uma cultura de cuidado, pertencimento e sustentabilidade no âmbito educacional.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 10.098** de 19 de dezembro de 2000. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 20dez. 2000.

BRASIL. **Lei 9795** de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 28 abr. 1999. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9795.htm>. Acesso em: 06 mar. 2020.

BELLÉ, S. **Apostila de paisagismo**. Bento Gonçalves: IFRS, 2013. 01 p.

BEZERRA, R. F. Jardim sensorial como instrumento de inclusão social. 2020. 49 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Agronomia) - Universidade Federal Rural da Amazônia, Belém, 2020.

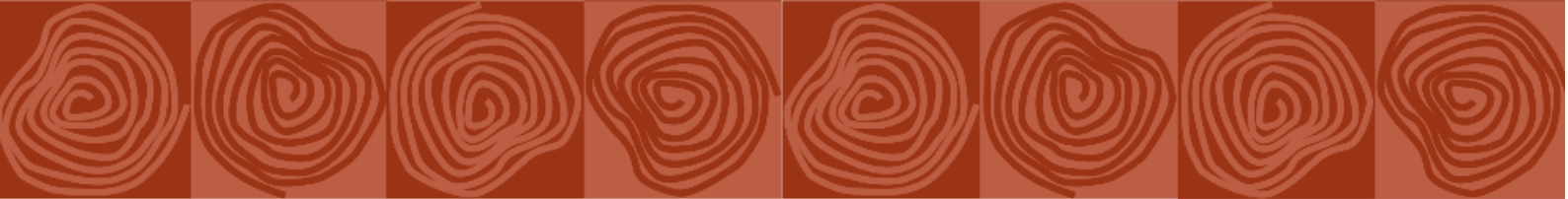
CARVALHO, M. A. O uso do Jardim Sensorial como ferramenta pedagógica na inclusão de alunos com TDAH. Revista Ibero- Americana de Humanidades, Ciências e Educação- REASE, Criciúma, v. 8, n. 2, p. 1170-1191, 2022.

CHIMENTTI, B.; CRUZ, P. G. **Jardins Sensoriais**. 2008. Disponível em: http://www.casaecia.arq.br/jardim_sensorial.htm. Acesso em: 01 set. 2018.

LEÃO, J. F. M. C. Identificação, seleção e caracterização de espécies vegetais destinadas à instalação de jardins sensoriais táteis para deficientes visuais, em Piracicaba (SP), Brasil. 2007. 136f. Tese (Doutorado em Agronomia) – Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” /Universidade de São Paulo, SP, 2007.

LEÃO, J. F. M. C. Identificação, seleção e caracterização de espécies vegetais destinadas à instalação de jardins sensoriais táteis para deficientes visuais em Piracicaba (SP), Brasil. **Revista Brasileira de Horticultura Ornamental**, Campinas, v. 14, n. 2, p. 135- 146, 2009.

MENEZES, C. R; HARDOIM, E. L. Identificação, seleção e caracterização das espécies vegetais destinadas ao Jardim Sensorial Tumucumaque, município de Serra do Navio, AP/Brasil. **Biota Amazônia**. v.3.p.22-30, 2013.



MICHAELIS. Jardim. [S.l.]: Melhoramentos, c2022. Disponível em :<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/jardim/>. Acesso em 24 jan. 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 32. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

SABBAGH, M.C.; CUQUEL, F.L. Jardim sensorial: uma proposta para crianças deficientes visuais. **Revista Brasileira de Horticultura Ornamental**, v.13, n.2. p.95-99, 2007.